



*Illustração
Lisboa*

SOCIEDADE ELEGANTE DE LISBOA:

M.^{lle} Mariana Moraes Caratão

(Fotografia colorida de J. Fernandes,
de Lisboa)

2.^a série — N.º 479

ASSINATURA PARA PORTUGAL, COLONIAS
PORTUGUEZAS E HESPAÑA

Trimestre..... 1820 CIV.
Semestre..... 2540
Ano..... 4880

Numero avulso, 10 centavos

Ilustração Portuguesa

Edição semanal do jornal O SECULO

Agencia da ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA, em Paris,
Rue des Capucines, 8

Lisboa, 26 de Abril de 1915

Director: J. J. DA SILVA GRAÇA
Propriedade de J. J. DA SILVA GRAÇA, Lda.
Editor: JOSÉ JOUBERT CHAVES

Redacção, administração: officinas de composição e impressão
RUA DO SECULO, 43



REMINGTON UMC

Armas E Cartuchos Remington-UMC

"Os cartuchos UMC trazem-me grãtas lembranças da minha mocidade. Os "Lightning" "U" como nos os chamamos aqui por estas regiões, foram os favoritos do meu pai e tocou não a parte inseparável da vida de meus filhos. Companheiros são em todas as nossas caçadas, e tem contribuído generosamente para o sustento da nossa família. Conhecem-se há cincuenta annos e já se adaptam a todas as marcas e calibres de armas de fogo.

Fabricados pela Companhia constructora das armas afamadas por todo o mundo ha mais de um seculo, e agora representada pelos novos filios e esportistas REMINGTON. As armas e cartuchos REMINGTON-UMC formam uma combinação ideal para tiro ao alvo, passeios pelo campo, ou caçadas pelos bosques. Tem sido os factores indispensáveis, na minha familia, porque desde a minha infancia tem estes facilitado o *Faz Nôco de Cada Dia*.

As armas e cartuchos REMINGTON-UMC encontram-se a venda nas casas principaes em todas as partes.

Enviamos gratis, circulares descriptivas, catalogos e cartazes a quem o quem os solicitar.

Remington Arms-Union Metallic Cartridge Co.
299 Broadway, Nova-York, N. Y., E. U. da A. do N.

Representantes:

No Sul do Brazil
LEE & VILLELA
Caixa Postal 420, São Paulo
Caixa Postal 103, Rio de Janeiro

No Territorio do Amazonas
OTTO KUHLEN
Caixa Postal 29 A,
Belém

Agencia em Portugal: G. H. Istor Ferreira, L. do Gambões, 3, Lisbon

PARA ENCADERNAP

"Ilustração Portuguesa"

Já estão a venda as capas em percaline de fantasia para encadernar o **SEGUNDO SEMESTRE de 1914**, da *Ilustração Portuguesa*.

PREÇO: 360 réis

Também ha, ao mesmo preço, capas para os semestres anteriores. Enviam-se para qualquer ponto a quem as requisitar. A importancia pôde ser remetida em vale do correio ou ordens postaes. Cada capa vem acompanhada do indice e frontispicio respectivo.

ADMINISTRAÇÃO DO «SEculo»

Rua do Seculo, 43—LISBOA

A' VENDA

Almanaque d'U SEculo

(ILUSTRADO)

A' VENDA

TELEPH. N.º 2638

PERFUMARIA
ROSA D'OURO

COL. G. S. A. L.
SORTIMENTO
Rua do Ouro, 281 JOAQUIM N. ALVES
LISBOA



CRÈME SIMON

PARA
conservar ou dar
ao rosto
**FRESCURA
MACIEZA
MOCIDADE.**

Para proteger a epiderme contra as influencias perniciosas da atmosphera, é indispensavel adoptar para a toilette diaria o **CRÈME SIMON**.

Os **PÓS de Arroz SIMON** e o **SABONETE Crème Simon**, preparados com glicerina, a sua acção benéfica é tão evidente que não ha ninguém que o use uma vez que não reconheça as suas grandes virtudes.

MÉDAILLE D'OR, Paris 1900
J. SIMON, 59, rue du faubourg PARIS 10^e
Saint Martin
PHARMACIAS, PERFUMERIAS
e lojas de Cabellerei os.

Desconfiar das Imitações.



Comprem as Sedas Schweizer

directamente da Suissa, franco de porte a domicilio!

Peçam hoje mesmo amostras das nossas sedas novidades garantidas solidas para vestidos e blusas: Crêpe de China, Duchesse, Taletás, Foulards, etc., Cambraia suissa 120 cm de largo a partir de fr. 1.35 o metro.

Grandissima escolha sobretudo em preto, meio lucto, assim como em branco e côr.

Esta collecção é enviada franca contra remessa d'um sello postal de 5 centavos.

Ao mesmo tempo offerecemos a nossa nova collecção de bordados suissos contendo 80 figurinos novos com amostras bordadas representando de modo muito exacto a execução maravilhosa dos nossos bordados afamados, assim como os nossos catalogos de bordados para roupa branca e pequenos artigos com verdadeiro bordado suisso. Blusas e vestidos para senhoras, meninas e meninos, em cambrão, Voile, Crêpe, Transparente, Toile, etc. e em sedas novidades desde frs. 3.25. Os nossos bord. dos, como não são coriados, podem ser confeccionados facilmente em todos os padrões.

Esta collecção é igualmente enviada franca contra remessa d'um sello postal de 5 centavos.

Schweizer & Co. Lucerna, E 11 (Suissa).




Perfumaria
Balsemão

141, RUA DOS RETROZEIROS, 141
TELEPHONE N.º 2777-LISBOA

POLICIA PARTICULAR

Instituto especial para informações, investigações e vigilância de pessoas. — Rua do Regedor (ao Caldas) 9, r/c LISBOA.

Wizella
O MELHOR SABONETE

O tenente Aragão

Ha bravuras que redimem. Ha heroismos que resgatam. Naulila foi um desastre; mas a morte heroica do tenente Aragão encheu esse desastre de beleza. Por um instante, na figura d'esse Nun'Alvares da agonia, a alma nacional resplandeciu. Derramaram-se ondas de tinta, exaltando-o. Choraram-se muitas lagrimas pela sua morte. Dissêram-se muitas missas pela sua alma. Chegou-se a pensar n'um monumento que lhe perpetuasse o nome. N'isto, uma noticia inesperada chegou: Aragão estava vivo. A carga admiravel dos dragões de Mossamedes continuava a ser uma gloria,—sem ter sido um suicidio. O moço tenente de cavalaria, agora prisioneiro dos alemães, regressará amanhã á patria.



O povo, grande nos seus entusiasmos, cruel nas suas ingratidões, espéra-o para o cobrir de flôres,—e para o esquecer no dia seguinte. E' a triste sorte de todos os heroes que sobrevivem a si proprios. Mousinho não se consolava de não ter morrido em Chaimite. Quantas vezes o moço Aragão lamentará, pela vida adiante, que as balas alemãs o tivessem poupado em Naulila!

Obras de Santa Engracia

No espirito de varios homens de boa fé metteu-se esta idéa grandiosa: acabar as obras de Santa Engracia. Para quê? Para fazer de Santa Engracia um Pantheon. A velha igreja, que nem toda a teimosia de D. João V nem todo o ouro do Brazil puderam concluir,—servirá amanhã, segundo o plano d'esses homens de boa fé, para recolher piedosamente as mumias de todos os reis e as carcassas de todas as glorias. Não me parece bem. E não me parece bem, pelo simples motivo de que



as obras de Santa Engracia, no estado em que se encontram, constituem um monumento,—talvez o mais nacional e o mais expressivo de todos os monumentos portuguezes. Aquella basilica joanina que nunca se poudé acabar, é bem o retrato do paiz inteiro, a expressão, mo-



numental do psiquismo d'uma raça sem persistencia, sem continuidade de esforço e sem poder de vontade, o simbolo d'um povo que principiou tudo e que não acabou nada, que tudo sonhou e deixou tudo em meio, e que, sendo maravilhosamente grande em conceber, foi desgraçadamente impotente para realizar. Completar as obras de Santa Engracia? Como,—se as obras de Santa Engracia somos todos nós?

Tres academicos

Foram elevados á categoria de socios efetivos da Academia tres homens de ciencia notaveis: os medicos Gama Pinto e Zeferino Falcão, e o major de engenheiros Rodolfo Guimarães. Um oftalmologista, um dermatologista e um matematico. Nos paizes que



teem o culto e o orgulho dos seus grandes homens, semelhante consagração, a mais alta que pode ambicionar um homem de ciencia ou um homem de letras, teria uma vasta publicidade e uma larga irradiação. Em Portugal, estas coisas passam entre a indiferença de todos. Gastam-se colunas e colunas de jornaes a contar como e porquê dois namorados idiotas se suicidaram,—e dão-se em tres linhas as noticias que interessam, na sua mais nobre expressão, a mentalidade nacional. E' d'esta apatia coletiva que os mediocres vivem,—e que as nações morrem.

Augusto Rosa

Augusto Rosa publicou as suas «Memorias». Quem lê esse grosso volume, tão elegantemente pensado e escrito, tem a impressão de que passou uma noite inteira ouvindo o grande ator, n'um recanto da sua salinha Imperio, a contar as impressões dos seus trinta anos de teatro. E' uma conversa amavel, feita com uma imperturbavel distincção. E' um longo sorriso,—embaciado, de vez em quando, por uma névoa de saudade. Como Buffon, que não sabia pensar sem os seus punhos de renda, Augusto Rosa parece ter escrito o seu livro—de casaca. E, como a gaianete Sofia Arnault, ao recordar as neves passadas, as flores mortas, os dias de gloria que não tornam mais, a mocidade que uma poeira de oiro levou,—o grande ator dirá, vendo-se no espelho eterno da Vida:—«Que les miroirs sont changés!»



JULIO DANTAS.

(Ilustrações de Manuel Gustavo).



ERA ao romper do dia.

Descendo da montanha Butte de Saint Gilles, vasto depósito de hulha das respeitáveis minas, em larga exploração na provincia de Liège, avançava lentamente uma carroça carregada, sustida por seguro travão, e guiada por um homem espadado e vigoroso, de olhos grandes e vivos luzindo sob um chapéu de abas largas n'um rosto cujas feições mal se distinguiam, enegrecido pelas poeiras do carvão. O olhar desasocegado do carroceiro seguindo irrequieto as curvas do caminho á volta do vehiculo, sempre pronto a ter mão no animal, denotava ao menos perspicaz observador que o homem não tinha a prática do mister.

Quando chegava a um cruzamento de estradas parava, tirava do bolso da camisola de lã um pedaço de papel em que só se viam traços a tinta formando angulos de varias aberturas, estudava-os com atenção, tornava a guardar o fragmento de papel amachucado e sujo, e proseguia no caminho segundo a direção indicada no simulacro de planta que lhe tinha lugar de guia, alongando a vista para um lado e outro n'um olhar prescrutador como se esperasse ou receasse algum encontro.

Contornando os arredores ao fim da tarde, achava-se ás portas da propria cidade de Liège á noitinha.

Era no terceiro mez da guerra. A Belgica estava isolada do resto das nações e no seu interior mesmo as communicações eram quasi impossiveis.

Os estrangeiros, em colonias numerosas, tinham abandonado o paiz no começo da guerra conforme tinham podido; e os que restavam, pertencentes a nações não beligerantes, como os portuguezes, logo que os jornaes fizeram constar que Portugal se conservava fiel á aliança ingleza, victimas de perseguições odiosas da parte dos alemães, tiveram de repente a noticia da suspensão de passaportes sem prévio aviso.

Era preciso fugir, vencendo difficuldades quasi insuperaveis, se bem que a vigilancia das fronteiras não fôsse ainda muito rigorosa, e todos punham as suas esperanças na Holanda para escolher aí residencia ou voltar á patria.

Para escapar ao furor dos alemães tomavam-se todos os disfarces e assim é que Luiz de Albuquerque, refugiado politico na Belgica desde a implantação da Republica em Portugal, habitando Liège com a esposa e um filho de peito, recorreu ao expediente, patrocinado por um belga, amigo dedicado dos portuguezes, de mandar

construir uma carroça com um fundo falso nas minas de hulha de Butte de Saint Gilles, e carregando-a de carvão sobre o tampo de um largo compartimento, a guiava ele proprio, descendo com todas as precauções até á cidade, onde tinha escondidos os entes que mais amava e que esperava transportar occultos no fundo da carroça até á Holanda.

Um criado dedicado, sob o mesmo disfarce, devia trazer-lhe n'um fardo alguns alimentos e roupas para as primeiras necessidades e ter mão na carroça enquanto ele entrava na cidade a buscar a esposa, já munida com os trajes das mulheres do povo da região.

Como estes, mais alguns portuguezes tiveram de fazer o seu exodo de algumas cidades da Belgica, onde a nossa colonia era relativamente importante, por processos analogos. Não faltam narrativas publicadas pelos que passaram por taes inclemencias, que o confirmam a quem possa attribuir esta descripção a uma fantasia romantica.

Havia quatro anos como disse que Luiz de Albuquerque, fidalgo provinciano de grandes bens, principalmente em propriedades rurais, agora administradas por um feitor, se ausentára de Portugal.

Homem de coração mas despotico, e de criterio acanhado, suggestionado por correligionarios de idéas intolerantes, deixára o paiz, despresando as sollicitações, da esposa, filha unica, muito dedicada aos paes, fidalgos de boa linhagem cujos modestos haveres lhes não permitiam o luxo de uma expatriação voluntaria e que sabiam manter-se com dignidade n'um meio adverso sem exteriorisações partidarias.

Além do amor filial outra razão poderosa prendia á terra natal D. Maria Joana: a sepultura do primeiro filho, vitimado por uma meningite quando começava a tornar-se o encanto da familia pelo desabrochar das graças infantis.

Era essa uma ferida que sangrava sempre no coração da pobre mãe e que o honrara quasi na hora do exilio.

Amando o marido como se ama por dever nos casamentos de conveniencia, ajustados pelos paes, sendo aliás amada vivamente por ele, nunca perdêra um certo constrangimento, naturalmente originado no feitiço intransigente de Luiz de Albuquerque e todas as suas expansões tinham sido para o filhinho que perdêra. Agora, que ao fim de quatro anos tinha a ventura de lhe nascer outro, vinha a desdita de o vêr quasi a fenececer de inanção, sem leite para o amamentar, sem o recurso de qualquer alimento que pudesse convir a

um recém-nascido, tendo apenas bolachas que amolecia em água para lhe matar a fome, um verdadeiro tormento.

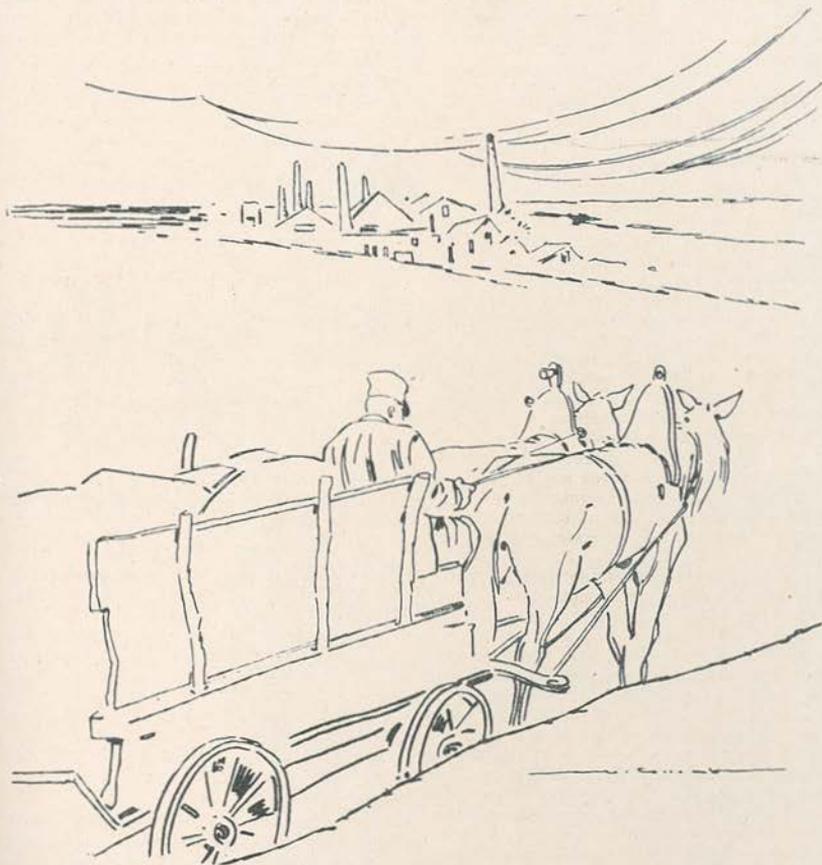
Chegados finalmente ao termo da sua peregrinação, D. Maria Joana pôde caminhar ao ar livre junto do marido até um logarejo onde obteve leite para a criança, cuja respiração era já tão fraca que mal se sentia, pés e mãosregelados, por mais roupas em que ela o envolvesse.

As sombras do crepúsculo e o traje insuspeito favoreceram a saída dos furtivos que passaram a noite ocultos no seu esconderijo e ao romper da aurora a carroça punha-se em marcha

abafava, com receio de que o ruído a denunciasses.

A criancinha, nascida de poucas semanas, estorcia-se irrequieta sugando raras gotas de leite, insuficientes para lhe calmar a fome, no peito flácido que o terror da situação quasi secára. E como precisava tê-la aos peitos para que o choro, ouvido na estrada não levantasse suspeitas, a pobre mãe sentia dores intoleráveis do peito às costas que as succões vigorosas da oriança esfaimada exacerbavam cada vez mais.

Patrulhas alemãs, encontradas de quando em quando, não deixavam de inquirir do carroceiro



guiada por Luiz de Albuquerque sempre vigilante e acutelado por aquelas estradas ao longo do Mosa a cada passo patrulhadas por inimigos.

Dona Maria Joana, a esposa de Luiz de Albuquerque era obrigada a manter-se estendida na mesma posição dentro d'uma caixa de tres palmos, de alto onde o ar só tinha acesso por duas feiras de orificios lateraes. Delicada de compleição, fraca de pulmões que muito se tinham resentido do clima humido da terra do exilio durante quatro anos, sofria uma opressão horrivel e sofocava-se por vezes em ataques de tosse que

para onde ia, ao que ele respondia em alemão para se fazer passar por tal, que estava ao serviço d'uma fabrica de gente da sua nação que ainda laborava nas margens do Mosa, para onde fazia o transporte da hulha das minas como o atestava o longo rasto de carvão deixado na estrada.

A' noite paravam metendo o veiculo por algumas terras desertas, em descanso desde as ceifas, e agora completamente alagadas pelas aguas do inverno.

D. Maria Joana saía então do seu esconderijo com dificuldade, tiravam ambos o enceradto que

cobria o carvão, estendiam-no e sentavam-se sobre ele a comer o que traziam, bolachas e presunto, regado por uma pequena ração de água muito governada para durar até se avistarem as planícies verdejantes da Holanda e os prados extensos que dão pastagem aos seus enormes rebanhos. De madrugada faziam outra refeição; e com os pulmões cheios de ar puro, que era para D. Maria Joana o mais apreciado dos alimentos, a pobre senhora voltava para a sua reclusão e do mesmo modo que na véspera continuavam a sua triste via sacra e tinham de proseguir assim dias seguidos, ele extenuado de cansaço, ela enfraquecendo cada vez mais, sentindo o coração trespassado pela dor de ver a filha definhar de hora para hora.

D'aí, onde já não havia perigo, fizeram-se conduzir á cidade mais próxima e tiveram de assistir, n'um leito de hotel, ao extinguir d'aquela luz que mal chegara a brilhar, D. Maria Joana, n'uma dor concentrada e muda, Luiz de Albuquerque sinceramente aflito e compungido pelo sofrimento da esposa que não conseguia suavisar, e pela perda do filho, desesperando já de ver vingiar um herdeiro do seu nome, tão fracas crianças vinham d'aquela mão debil, hereditariedade a que a sua robusta organização era impotente para dar o corretivo.

Tendo reconsiderado na resolução levanamente tomada de expatriar-se, recebendo frequentes denúncias de que o seu feitor se estava enriquecendo á custa das propriedades que lhe confiara, já havia tempo que meditava na conveniência que para eles haveria em regressar á patria, tanto mais que a saude alterada de D. Maria Joana urgentemente o exigia e Luiz de Albuquerque, decidido a fazel-o, procurou ele á esposa essa consolação dizendo-lhe meigamente:

— Temos sido tão infelizes, minha boa Maria, que estou resolvido a fazer-te a vontade; volta-remos para Portugal.

— Não, não! Não deixo cá o meu filho. Agora sou eu que não quero — redarguiu ela com insolita veemencia, conchegando o filho morto ao seio como se temesse que alguém lh'o tirasse dos braços. — Não deixo o meu filho — repetiu D. Maria Joana tremula mas firme no seu proposito.

Aquella feição nova no caracter de D. Maria Joana surpreendeu o marido que ficou por um pouco mudo a observá-la. Depois, como todas as

pessoas que encontram deante de si uma resistencia irredutivel, embora habituadas ao predomínio, Luiz de Albuquerque contemporisou.

— Pois bem, não iremos visto que não queres. Mas haveria um meio, embora dispendioso, de conciliar a repatriação com o teu desejo: fazer transportar n'uma urna o nosso filhinho...

D. Maria Joana deitou a criança com todo o cuidado como se temesse acordal-o do seu perpetuo sono e lançou depois os braços ao pescoço do maído n'uma convulsão de choro, dizendo-lhe por entre soluços:

— Como és bom, meu querido Luiz! Como me consolas na minha imensa aflição! Sim, leval-o-hemos conosco para junto do Manuel... Dor-



mirão ao lado um do outro, os meus queridos filhos... até que eu vá fazer-lhes companhia debaixo da lage — concluiu ela mentalmente, convencida de que iria breve partilhar o mesmo frio recinto no carneiro do jazigo familiar.

E por largo espaço ficaram os dois abraçados, soluçando calados a contemplar o pequenino cadaver tão branquinho, tão definhado...

4-IV-915.

A. C.



SOCIOS DO CENTRO MONARQUICO DE LISBOA, INAUGURADO NO DIA 17 DE ABRIL

Festa das Crianças



A pesca milagrosa

No novo centro monarchico, na rua Antonio Maria Cardoso, realisou-se uma brilhantissima festa de caridade, promovida por senhoras da sociedade elegante lisboense a favor d'aqueles a quem a sorte pouco favorece.

A' festa concorreram as principaes familias de Lisboa, que muito contribuíram com a sua presença para o' luzimento que se notava nos vastissimos salões onde se realisou uma «kermesse», na qual os açafates das senhoras que vendiam os bilhetes eram assaltados com entusiasmo, procurando todos munirem-se

debilhetes para a grande tombola.
A sala destinada á «pesca milagro-

sa» teve igualmente farta concorrência, sendo inumeras as pessoas que ali se entretiveram em varios exercicios de pesca... ás prendas, que se encontram no improvisado lago.

Durante a festa tocou uma excellente orquestra, que imprimiu ao recinto e á seleta assistencia a maior alegria e animação, o que ella bem patenteava.

Os resultados dos diversos atrativos foram compensadores dos esforços das gentis senhoras que a promoveram, motivo que as alenta no seu proseguimento, tencionando realisar com o

identicas festas em outros recintos mesmo fim caritativo.



Meidemoiselles Camilla Schroeter Viana e Costa Lima



Meidemoiselles Tereza Melo Breyner e Leonor Ollvaes



1



2

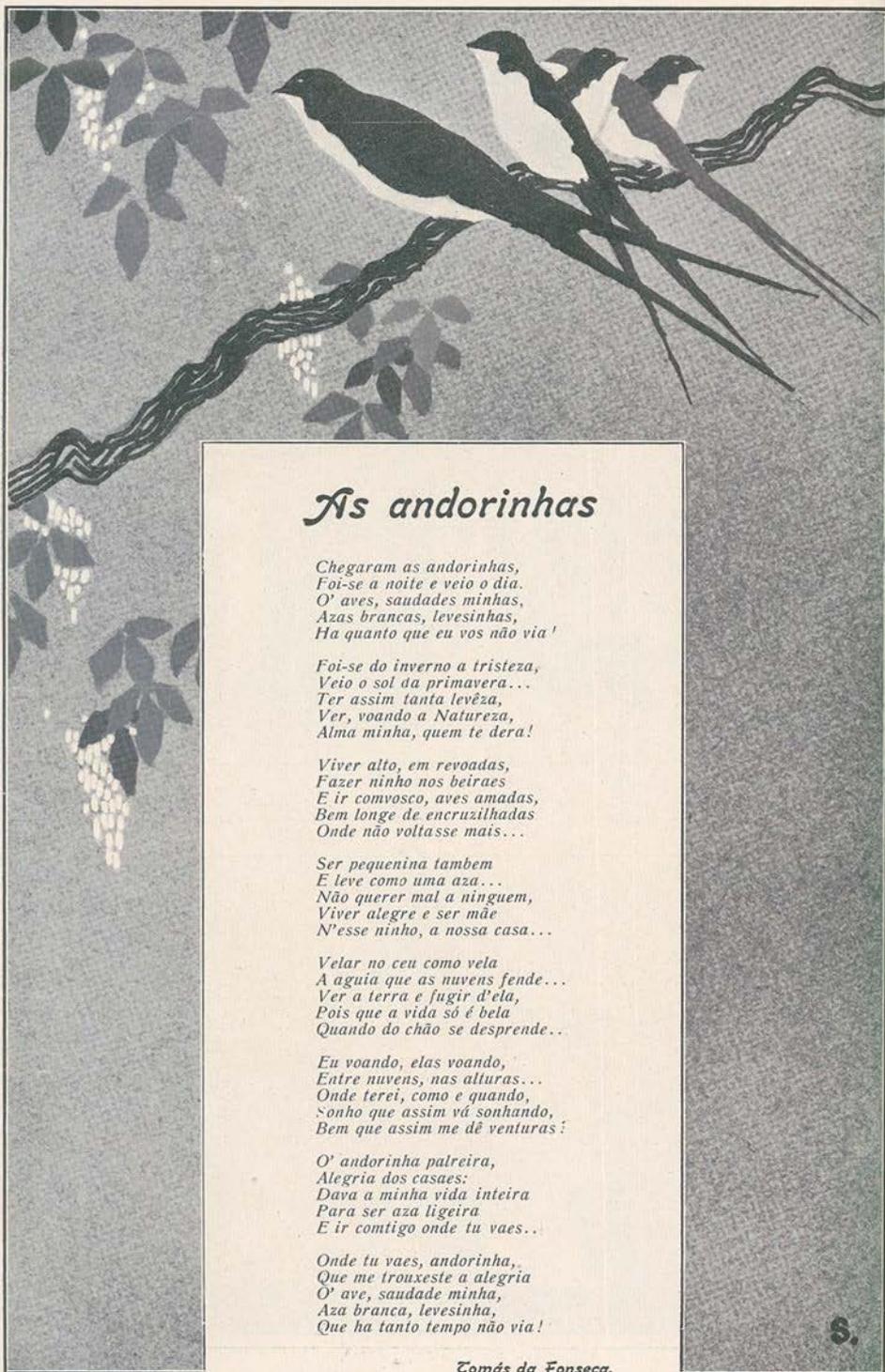
Mesdemoiselles Maria Placido e Adelaide
Castilho

Mesdemoiselles Carmen de Burnay Moraes de los
Rios e Maria Cristina Manuel Bordalo Pinheiro



3

As senhoras que vendiam as sortes—(Clichés Benoliel)



As andorinhas

*Chegaram as andorinhas,
Foi-se a noite e veio o dia.
O' aves, saudades minhas,
Azas brancas, levesinhas,
Ha quanto que eu vos não via !*

*Foi-se do inverno a tristeza,
Veio o sol da primavera...
Ter assim tanta levêza,
Ver, voando a Natureza,
Alma minha, quem te dera!*

*Viver alto, em revoadas,
Fazer ninho nos beirões
E ir convosco, aves amadas,
Bem longe de encruzilhadas
Onde não voltasse mais...*

*Ser pequenina também
E leve como uma aza...
Não querer mal a ninguém,
Viver alegre e ser mãe
N'esse ninho, a nossa casa...*

*Velar no céu como vela
A aguiça que as nuvens fende...
Ver a terra e fugir d'ela,
Pois que a vida só é bela
Quando do chão se desprende..*

*Eu voando, elas voando,
Entre nuvens, nas alturas...
Onde terei, como e quando,
Sonho que assim vá sonhando,
Bem que assim me dê venturas :*

*O' andorinha paleira,
Alegria dos casões:
Dava a minha vida inteira
Para ser aza ligeira
E ir contigo onde tu vaes..*

*Onde tu vaes, andorinha,
Que me trouxeste a alegria
O' ave, saudade minha,
Aza branca, levesinha,
Que ha tanto tempo não via !*

Tomás da Fonseca.

O tenente Aragão



Causou o alvoroço de uma resurreição a noticia official de que o tenente Francisco de Aragão, o valente comandante dos dragões de Mossamedes, que fôra dado como morto em combate, se encontrava prisioneiro dos alemães na Damaralandia com mais dois officiaes: os tenentes Raul d'Andrade e Antonio Rodrigues Marques.

Não foi só a familia do heroico official que experimentou uma inexprimivel

alegria; foram todos os seus camaradas e amigos, deve ter sido mesmo o paiz inteiro, porque é este um dos poucos casos em que um homem, que serve a patria com a convicção de que o seu arrojo lhe custa irremediavelmente a vida, aprecia as lagrimas que chorariam, as virtudes que lhe proclamariam, os louvores e honras que lhe seriam prestados, depois da sua morte.

A PONTE DE PESSENE EM LOURENÇO MARQUES

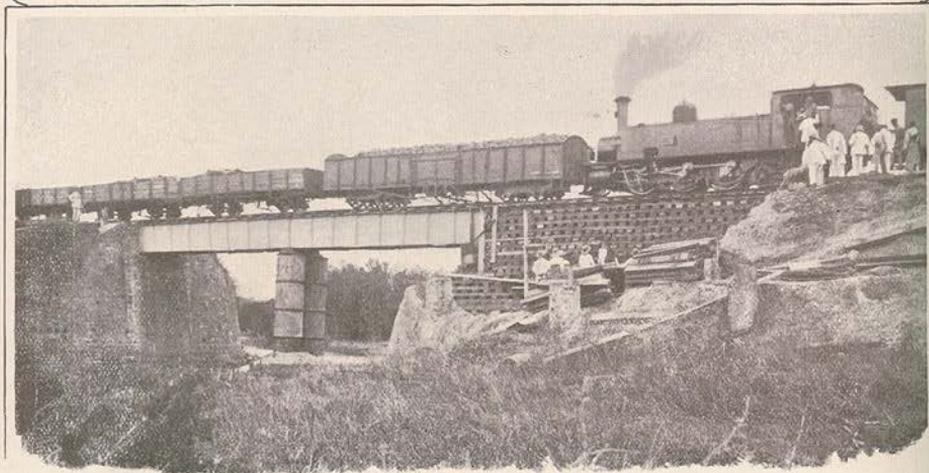


Transbordo de passageiros que se dirigem ao Transvaal

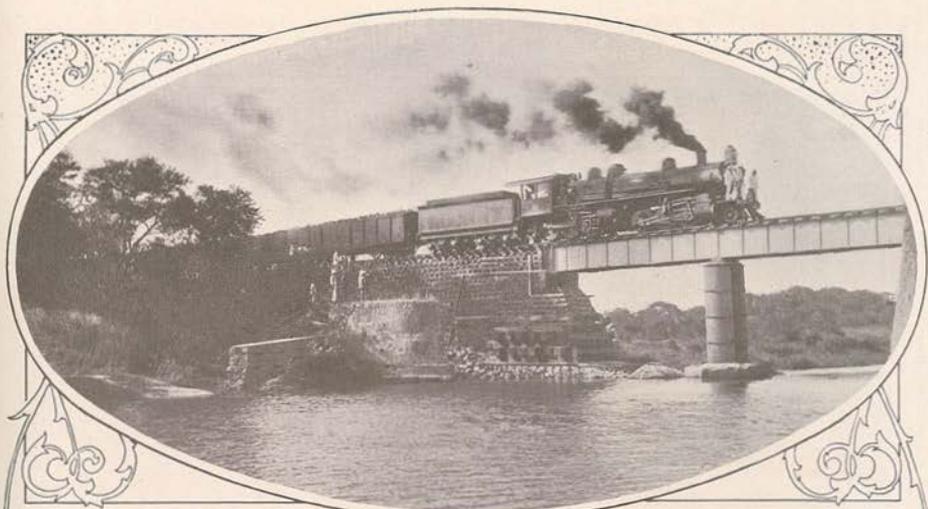
As cheias d'este ano em Lourenço Marques tem produzido grandes prejuizos ao caminho de ferro. Um dos mais importantes foi a avaria na ponte de Pessene, ao kilometro 26,500 da linha de Ressano Garcia, da qual a cheia levou adeante de si um encontro, ficando a linha suspensa no ar e impedindo, durante 7 dias, a circulação dos comboios. N'este curto espaço de tempo procedeu a direção dos C. F. L. M. á difficil reparação, que foi dirigida pelo nosso amigo e distinto engenheiro sr. Carlos Sá Carneiro, abrindo a linha á exploração, depois das experiencias feitas com um comboio de 1.200 toneladas, que as fotografias mostram.

Deve-se a um preto chamado Faustino, não se ter despenhado um comboio que, momentos depois da queda do encontro, avançava para Lourenço Marques; este preto tal alarido fez, agitando um casaco e gritando, que o maquinista parou o comboio a cerca de 300 metros do local, evitando-se a grande catastrophe.

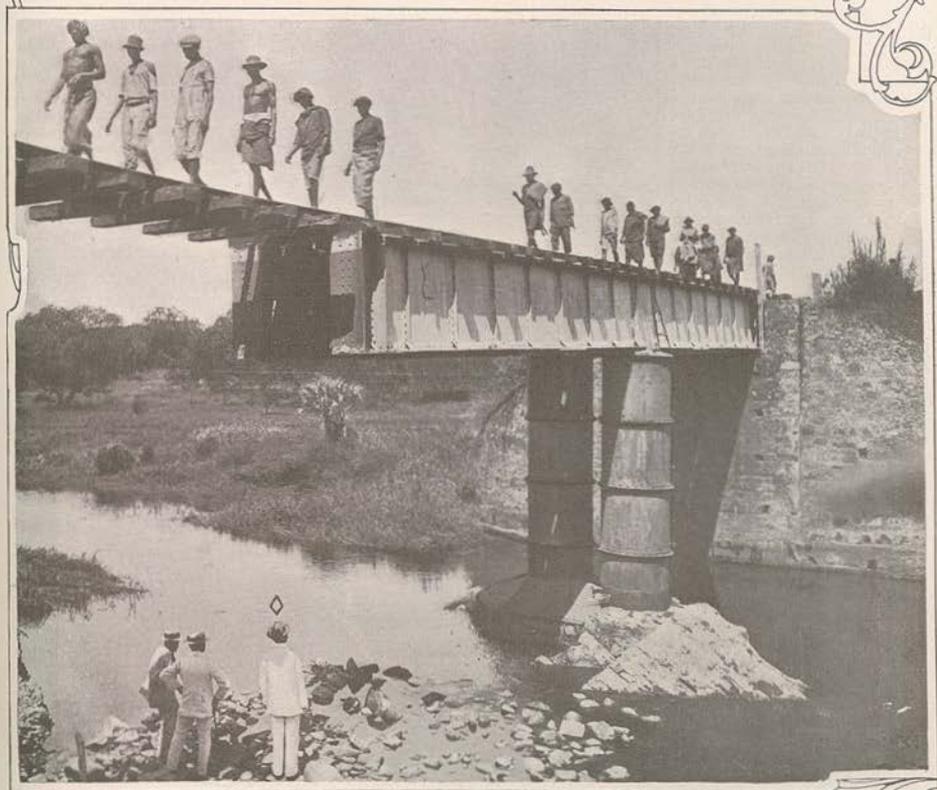
Tambem na linha de Moamba a Xinavane, ainda ha pouco tempo entregue pela firma construtora ao governo, as cheias produziram grandes estragos, derrubando trincheiras, pequenos aquedutos etc., ficando o transito de comboios interrompido alem da estação de Magude, em consequencia da linha ficar completamente debaixo de agua.



A ponte de Pessene depois da reparação



Outro aspeto da ponte



Os indígenas dirigindo-se para o trabalho de reparação da ponte, sob a direção do engenheiro ◊ sr. Sá · Carneiro

FIGURAS E FACTOS



Novo uniforme das enfermeiras da Cruz Vermelha Portuguesa.



O sr. Rui C. F. Bastos

O joven escultor sr. Rui C. Ferreira Bastos esculpiu com uma felicidade admiravel o busto de Camilo Castelo Branco nos ultimos dias de uma vida soffredora, que levou o principi, e dos romancistas portuguezes a pôr fim á sua preciosa existencia. E' um trabalho primoroso.



O busto de Camilo Castelo Branco

Anuario Commercial. — Muito melhorado em todas as suas secções publicou-se o *Anuario Commercial* do corrente ano, o mais importante guia para o commercio e para a industria e muito util em todos os escritorios e secretarias. E' digno de todo o louvor o seu fundador e diretor o general sr. Caldeira Pires, distinto engenheiro a quem a beleza de Lisboa muito deve.



O general sr. Caldeira Pires.



O capitão-medico sr. dr. F. Martin' Morgado.

Um operador distinto. — O capitão medico sr. dr. Francisco Martins Morgado, diretor do hospital militar de Bragança, além de clinico distinto é um operador de raras faculdades como o provou ultimamente na extração de um tumor osseo no maxilar superior de uma creança invalida de 10 anos, de Samil, que se encontra completamente curada.



A professora madame Angela Penchi Levi e as senhoras que tomaram parte em um concerto realisado em sua casa.—(Clché Benolle).



O VELHO MUNDO EM GUERRA



O general Foch, comandante de uma das divisões do exercito francez

Os dois factos mais importantes a registar hoje são a visita de lord Kitchner ao grande quartel general francez e a nova tentativa dos *Zeppelins* em lançar o panico em Inglaterra. O illustre ministro da guerra inglez, cujo grande prestigio, actividade e ciencia militar, tão brilhantemente se tem demonstrado na mobilisação rapida e completa de numerosas tropas para defeza do proprio territorio e para combater em França, foi alli recebido com indescritivel entusiasmo, conferenciando especialmente com o ministro da guerra francez e com o general French, comandante em chefe das tropas britanicas no teatro da guerra, as quaes redobram de ardor com a presença de lord Kitchner.

Os alemães voltam a atacar a Inglaterra pelo ar para desviarem as atenções do fracasso que teve o decantado bloqueio das suas costas.

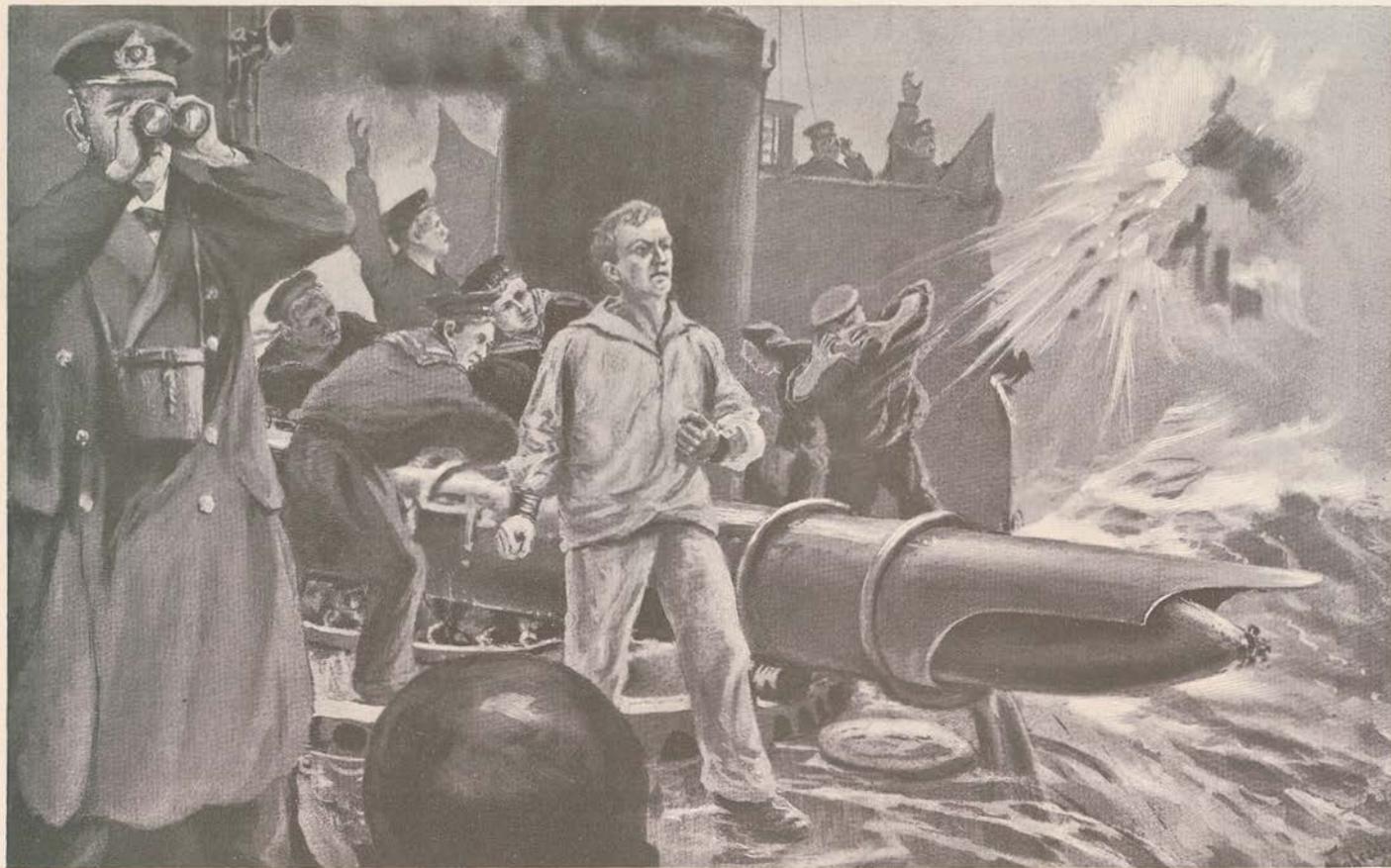
Até agora o exito não tem sido maior do que da primeira vez, limitando-se a alguns estragos materiaes e a ferir com estilhaços de bombas algumas pessoas indefezas. De resto, o valente povo inglez mantem-se sereno perante essas loucas arremetidas, confiando na vitoria final dos aliados.



Lord Kitchner, ministro da guerra Inglez

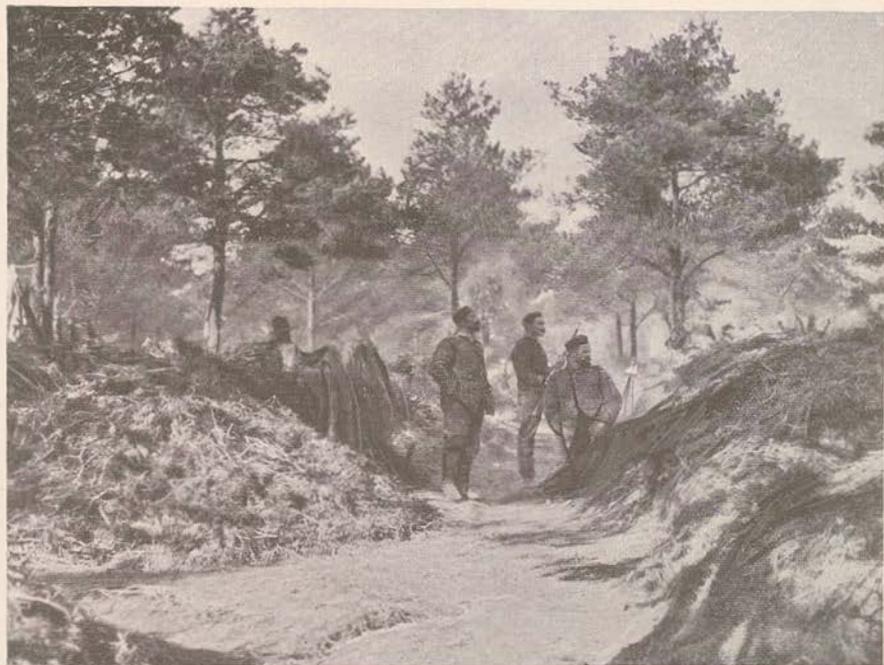


Trincheiras russas protegidas por sacos de areia



A GUERRA NO MAR—UM LANÇA TORPEDIOS EM AÇÃO.—
 E' sem duvida no mar que a guerra está oferecendo os seus aspectos mais curiosos. As explosões das minas que elevam a agua em grossos jactos a uma altura consideravel, os pelucros e torpedos que ora mergulham ora saem das ondas

sem se desviarem da direcção do alvo, os navios que se afundam, os naufragos que bracejam no vortice que se forma ao serem enguldas daquelas enormes massas, não ha nada que fale com mais vigor ás imaginações fugosas, que leve melhor o horror á expressão do sublime.



1. Tropas alemãs na Argonne.—2. Encontro de uma patrulha austríaca com outra patrulha russa

Os russos abrem um caminho para a sua artilharia



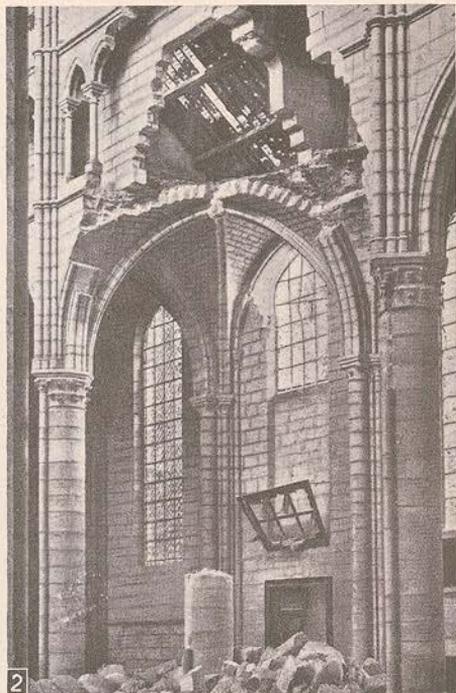
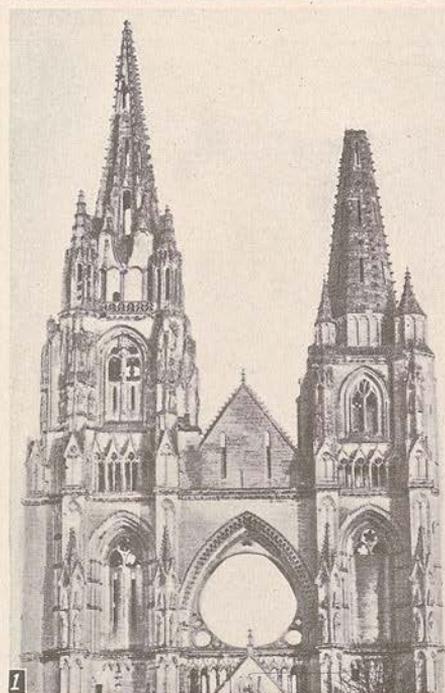
Ainda continua a ser grossa a camada de neve que cobre os campos de batalha no oriente, mas isso não impede que a luta apresente cada dia um aspeto mais vivo. Os russos não se prendem com as barreiras de

gelo. Partem-no, removem-no, abrindo através d'ele caminhos para a passagem da sua artilharia. É extraordinária a atividade que essa gente está desenvolvendo, ora depondo as armas para empunhar a pá e o alvião,

ora retomando-as para se lançar em ímpetos leoninos contra o inimigo.

Representa esta página um d'esses gigantescos trabalhos nas vertentes geladas dos Carpatos. Vêem-se as

granadas austríacas rebentarem no meio dos russos, mas estes continuam intemeratos a sua obra, de que nada os fará desistir, para franquearem o caminho á sua artilharia.
(The Illustrated London News).



1. Soissons—O estado actual das torres da catedral de Saint-Jean-des-Vignes—2. O Interior de uma das naves da catedral

Assim se intitula o relatório documentado que o Ministério das Belas-Artes de França vai bre-

vemente dar a lume para demonstrar, com fotografias dos monumentos destruídos pelos alemães



Arras—Ruínas da camara municipal



Duran, Clemenceau, Flammarion, Anatole France, Paul Hervey, Jean Richepin e Edmond Rostand.

Referem-se á destruição de Reims, Arras, Senlis, Louvain e Soissons.

Apreciando-os no horrivel conjunto, Edmond Perrier, um dos mais autenticos sabios da França, membro do Instituto e Diretor do Museu de Historia Natural, exclama justiceiro: «os alemães arrogam-se o direito de exaltar a sua ciencia pura! Teem talvez razão. Os sabios, porém, fazem a ciencia mas a ciencia não faz o caracter dos sabios».

A ciencia «Boche» fica assim definida e... julgada.

Paris, 8 de Abril de 1915.

A. Lusitano.

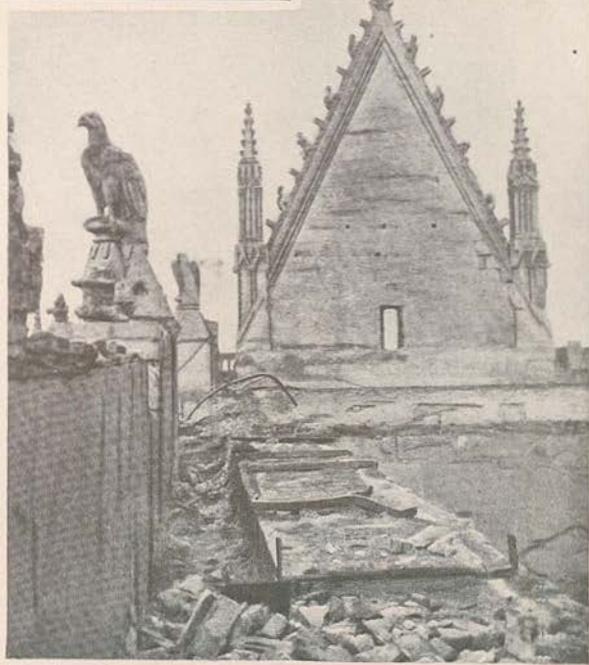
durante a guerra, que os ferozes inimigos da França não teem apenas por objetivo o aniquilamento do poder moral d'este paiz. Eles visam igualmente os belos edificios que o ornamento e que são verdadeiras obras-primas glorificadoras da humanidade a que pertencem.

E este crime de lesa-arte é praticado em nome do que Emile Boutroux chama a «barbarie científica!»

Ao lado das soberbas reliquias da arte universal sistematicamente bombardeadas pelos alemães, dá-nos este substancioso documento a prova fotografica do resultado do ataque furioso dos «Boches» aos mesmos monumentos.

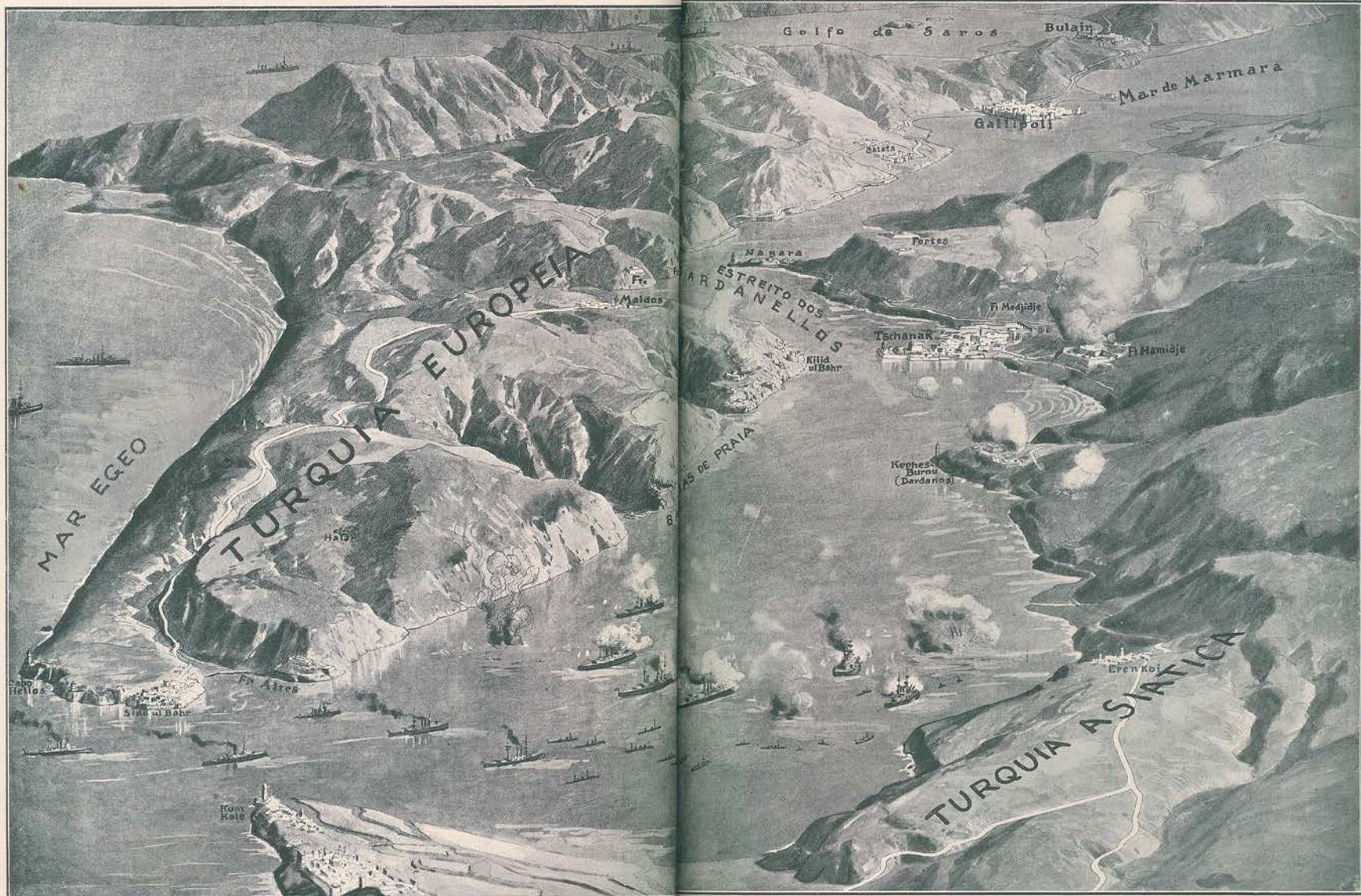
Trata-se d'um trabalho impressionante, porque se limita á resenha cruel dos factos sem comentarios. E constitue, por isso mesmo, um libelo tremendo contra os processos de guerra dos Hunos modernos.

Os documentos componentes d'este relatório foram compilados por uma seleta comissão de sabios e homens de letras de que fazem parte Carolus

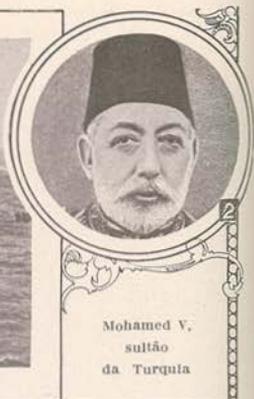


1. *Notre Dame de Paris*—O estado em que ficaram a galeria e o «terras-se» do lado norte—2. *Catedral de Reims*— Como ficaram os tetos depois do incendio

O ESTREITO DOS DARDANELOS



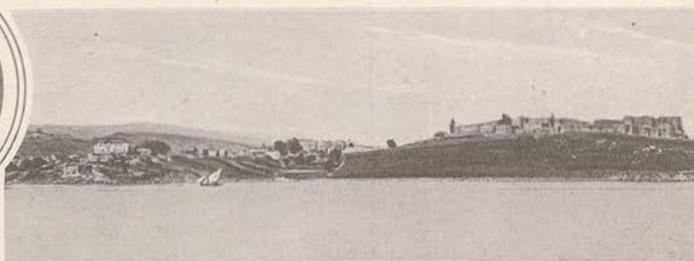
Continua o novo ataque dos navios aliados ás fortalezas e fortes do celebre Estreito, semendo de minas que expõem... Nesta pagina figuram as duas margens do Estreito com as respectivas fortificações até á embocadura do Mar de Marmara



Mohamed V,
sultão
da Turquia



Enver-Pachá,
ministro da guerra
turco



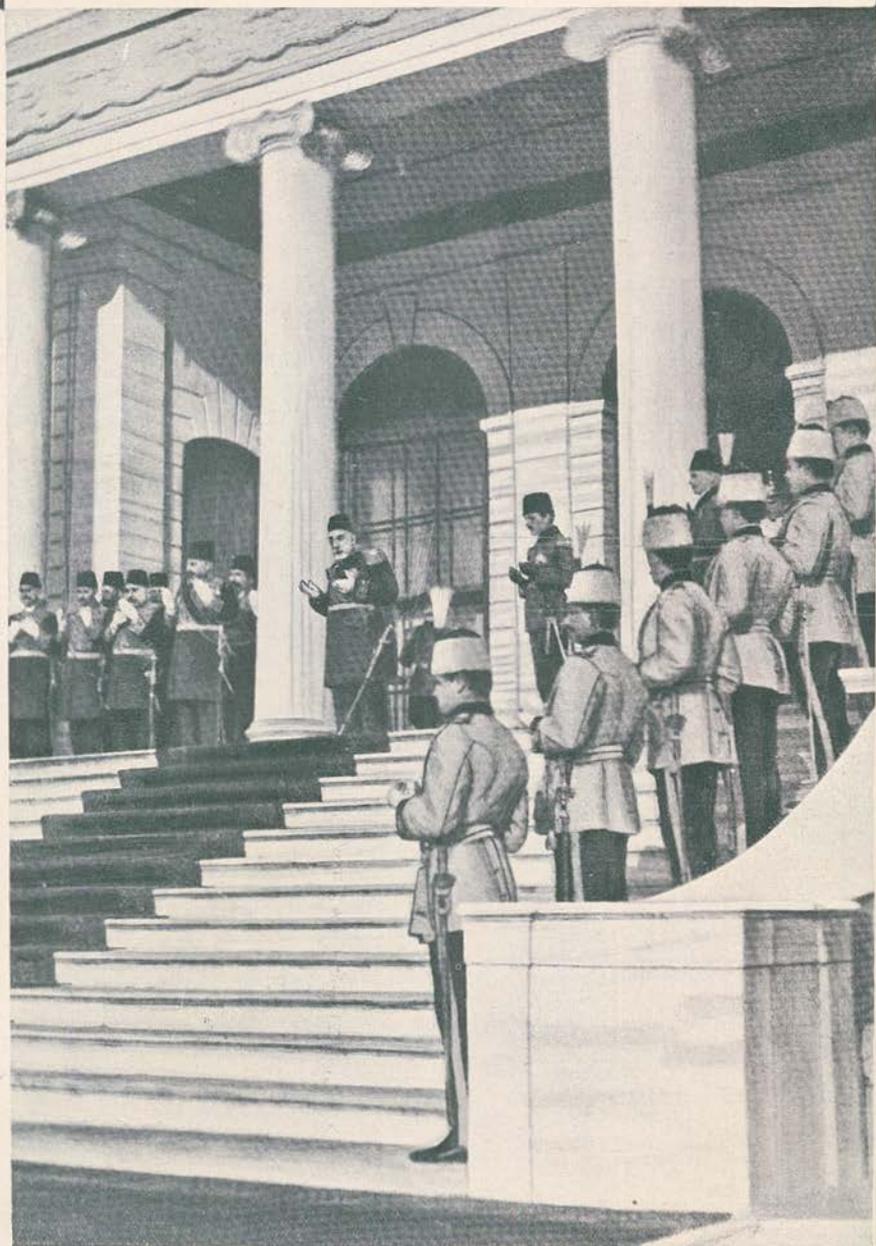
1. Entrada dos Dardanelos: A fortaleza Sedil-Bahr
4. Kum-Kale, uma das novas fortificações turcas no cabo sul dos Dardanelos



A cidade de Smyrna que foi bombardeada pela esquadra anglo-francesa



Um acampamento turco.—Sem duvida que das tropas que andam na guerra as dos turcos são das que apresentam conjuntos mais pitorescos. Este acampamento n'uma planicie arenosa da Asia menor, tendo ao fundo a cidade de Jerusalem, fere uma das notas mais tipicas do mundo oriental.



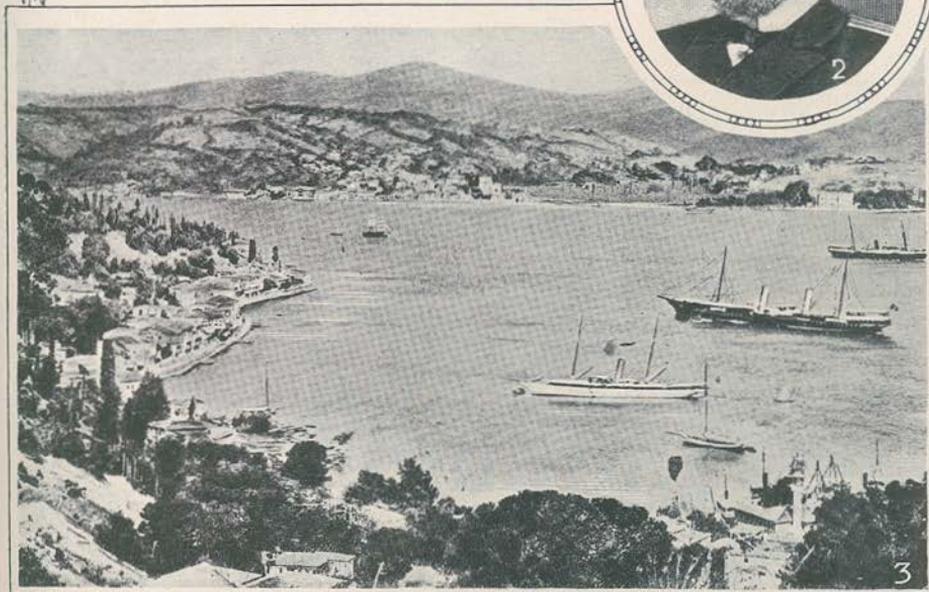
DEPOIS DO PRIMEIRO BOMBARDEAMENTO DOS DARDANELOS

Quando se soube em Constantinopla que os navios aliados haviam deixado de atacar os fortes do Estreito para reparar e substituir as unidades que ficaram fora de combate, o sultão, o ministro da

guerra Enver Pachá e os outros ministros vieram ao alpendre do palácio e, com as palmas das mãos voltadas ao céu, renderam-lhe graças e mostraram o seu regosijo pelo acontecimento.



1. Vista do Bósforo desde Bebek— 2. O almirante russo Eberhard, comandante em chefe da esquadra que bombardeou a entrada do Bósforo



Outro aspéto das margens do Bósforo

Emquanto os navios ingleses e francezes bombardeiam os Dardanelos, abrindo caminho para Constantinopla, a esquadra russa do Mar

Negro faz vivissimo fogo sobre o Bósforo. Está, pois, a Turquia entre dois fogos por mar, e a sua resistencia não poderá durar muito.

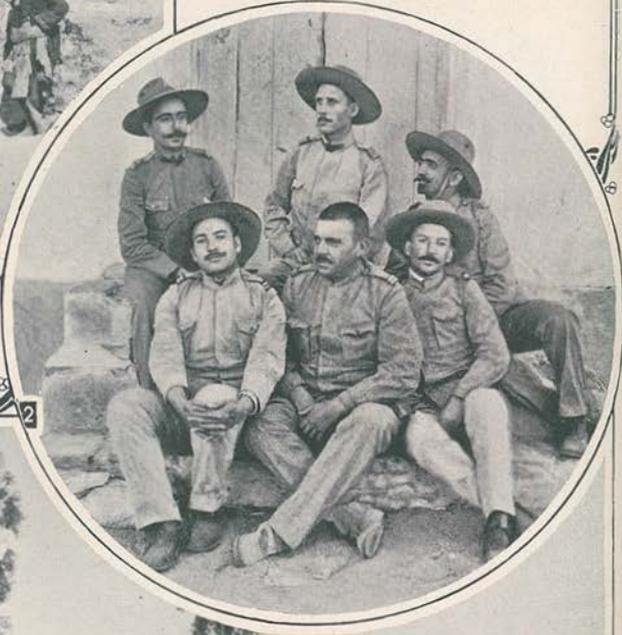
No Sul de Angola

Na Africa continuam ainda firmes nos seus postos as forças expedicionarias que para lá partiram a fim de impedirem novas investidas dos alemães.

E tão justificado é este receio que igualmente continuam a organizar-se corpos de voluntarios que, cheios de amor patrio, se exercitam constantemente para repelirem o inimigo se este pensar em futuras surpresas. E' consolador ver como os nossos compatriotas se portam com valentia, longe da metropole, na defeza da Patria.



Um chafariz
no
Lubango



2. Grupo de officiaes de Infantaria em serviço na Chibia: 1.º plano, da esquerda para a direita, tenentes srs. Reis Pereira e Polonio e alferes sr. Benites; no 2.º plano: tenente sr. Fernandes e capitães srs. Sepulveda Rodrigues e Patacho—3. Voluntarios do Lubango n'uma formatura

A FEIRA DO MILAGRE EM SANTAREM

Uma trova popular alude assim a esta devoção:

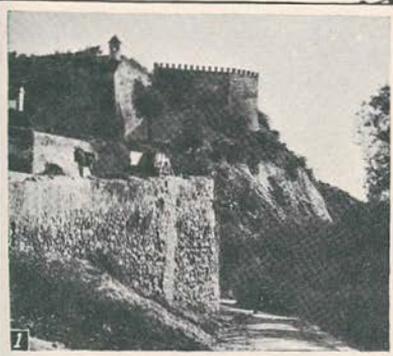
Ful a Santarem por terra
Para vêr o Santo Milagre:
Nunca vi terra tão santa
Gente de tanta maldade.

Em todos os tempos a partícula sagrada foi muito querida dos santarenos que, no tempo dos francezes, para maior segurança, a levaram para Lisboa a fim de ser guardada na Sé.

Expulsos os francezes, quando os santarenos quiseram reaver a sua reliquia o povo da capital opôz-se a isso e foi em 30 de novembro de 1811 que appareceu afixado nas ruas de Lisboa um cartaz annunciando que um official britânico atravessaria o Tejo com umas botas de cortiça. Despovoou-se a capital para ir vêr o *homem das botas*.

E enquanto os alfacinhas arregalavam a pupila para observar o acontecimento, os devotos santarenos escapavam-se rio acima, n'uma fálua, levando consigo a preciosa reliquia, logrando assim com o fantástico aviso os basbaques lisboetas que ainda hoje estão á espera do *homem das botas*...

JOSÉ OSORIO



1. Guarita da velha fortificação

N'esta velha cidade de Santarem, notavel não só pelos seus monumentos como pelas suas lendas que os poeirentos in-folios croniqueiros registam como as melhores do paiz, está decorrendo a feira do Santo Milagre—ligada á festa do mesmo nome—que tendo começo no domingo do Bom Pastor, prolonga-se por uns quinze dias.

A feira é uma das do ano de certa importância n'esta cidade ribatejana, especialmente pelas transações que se fazem de gados e compras de lãs, roupas, louças, etc.

A festa, apesar da corrente de descrença dos tempos, ainda chama á cidade muitos devotos que veem ofertar ao Santo Milagre os obulos das suas devoções.

Na egrejinha respetiva tem logar um grande cerimonial liturgico, sendo dada a beijar a ambula que contém a hostia ainda — diz-se—lavada de sangue como referem as cronicas milagrentas...



2. Tres monumentos notaveis: Graça, Museu e Torre das Cabaças



3.



4.

FIGURAS E FACTOS

Mr. Charles Rouvier.—Faleceu em Paris o ilustre diplomata Mr. Charles Rouvier, que foi ministro de França em Portugal durante muitos anos.

Muito amigo do nosso paiz, Mr. Rouvier era tambem um jornalista muito distinto e era condecorado com a Legião de Honra por feitos militares praticados na sua patria.



Mr. Rouvier, antigo ministro da França em Portugal



O sr. conde de Alves Machado

Conde de Alves Machado.—N'uma idade avançada faleceu no Porto o sr. conde de Alves Machado, que ha cincoenta anos era hospede do Hotel Francfort da mesma cidade, onde era muito estimado pelas suas brilhantes qualidades pessoaes.

Monarquico do coração, nunca hostilizou as novas instituições, vivendo muito retirado.

Atores falecidos.—Desapareceram do tablado cenicó a atriz Izabel Costa e o ator Antonio Sá. Ambos modestos artistas, eram muito estimados não só pelos seus colegas, mas pelo publico, que muito apreciava os seus trabalhos.



O ator Antonio Sá



A atriz Izabel Costa



O sr. Antonio Cabral, aspirante de marinha



O sr. Mario Cabral

Aloçados no Tejo.—O aspirante de marinha sr. Antonio Cabral convidou seu irmão o sr. Mario Cabral a dar um passeio pelo Tejo. Quando, porém, regressavam ao ponto da partida, uma forte ventania voitou o barco e morreram.



7. O sr. Guilherme A. da G. e Silva, contra-almirante da armada reformado, falecido em Lisboa—8. O sr. Henrique de F. e Silva, cunhado dos srs. Francisco e Luiz Grandela, falecido em Lisboa—9. A sr.ª D. Maria da Graca, mãe do proprietario e comerciante da nossa praça sr. Joaquim R. Gadanho, falecida em Anclão—10. O sr. André Navarro, director geral da contabilidade publica, falecido em Lisboa—11. O sr. Denizel J. d'Almeida, proprietario, farmaceutico e agente do «Seculo» em Alhos Vedros, onde faleceu—12. O sr. Augusto dos Reis, sargento da armada, falecido em Lisboa—13. O sr. Antonio A. Rodrigues, falecido em Lisboa.



LOANDA.—Um grupo de catos do corpo de policia: 1.º plano, em pé, srs. Antonio Pinto, Joaquim Camilo, Armando Fernandes da Silva, Luiz Baptista Ferreira, Sesinando Augusto, Manuel Dias Ferreira, Ernesto Pereira Leite Passio. 2.º plano, sentados, srs. Manuel Rodrigues, Joaquim Pinto de Sousa, João Pereira de Macedo, Albino Carvalho Martins, Virgilio Andrade Leite da Cunha, Alberto Augusto Ramalho. 3.º plano, sentados no chão, srs. Augusto Dias, Diniz Alexandre d'Aguilar e Carlos da Silva Franco



A distinta atriz Palmira Torres, do teatro Nacional, que no dia 28 do corrente faz a sua festa artística com a notável peça «Amor de Perdição».

O Brazil Contemporaneo. — O nosso amigo, distinto jornalista e representante do «Seculo» e da «Ilustração Portuguesa» no Brazil, sr. Simões Coelho, realizou uma serie de conferencias á cerca do Brazil Contemporaneo na Universidade Livre de Lisboa, ás quaes assistiram o embaixador e funcionarios diplomaticos e consulares do paiz nosso irmão, bem como muitos membros da colonia aqui residentes. O nosso ilustrado colaborador occupou-se nas suas interessantes palestras do Brazil sob os pontos de vista sociologico e economico, referindo-se á sua descoberta, aos seus progressos constantes em toda a atividade das suas faculdades de trabalho e aos seus homens mais em evidencia, não esquecendo tambem de se ro-



O conferente sr. Simões Coelho

ferir com palavras de aplauso ás boas relações que Portugal mantém com alguns estados brasileiros e á colonia portugueza que no Brazil se distingue pelas suas qualidades de trabalho que engrandecem o nome portuguez, engrandecendo tam-

bem o paiz hospitaleiro que o acolhe com tanto carinho e benevolencia.

A ultima conferencia versou sobre a alma brasileira na arte e na literatura, merecendo ao conferente os mais altos encomios os seus romancistas, prosadores e poetas.

O sr. Simões Coelho foi entusiasticamente felicitado pelas suas conferencias, que foram notaveis, e solicitado para proseguir n'essa obra de aproximação dos dois povos que tantos interesses ligam mutuamente.



Em Loanda—Chegada do general sr. Pereira d'Eça a Loanda, onde era aguardado pela officialidade expedicionaria que all se encontrava n'aquella occasião.—(Cliché do distinto fotografo Sebastião de Carvalho Ferreira).

Carneiro Geraldes.—O distinto escritor sr. Carneiro Geraldes publicou um interessante livro de contos, que intitulou «Prosa Rustica». Alguns d'elles são deliciosos, lendo-se com bastante agrado. A edição é da «Renascença Portuguesa», do Porto. O sr. Geraldes mostra vocação para quele genero literario.



O sr. Carneiro Geraldes, autor do livro *Prosa Rustica*.



O distinto fotografo portuense sr. Domingos Alvão.

O fotografo Alvão.—Que é um distinto artista, conecedor do seu «metier» como poucos, tem-n'o provado em muitos trabalhos publicados na «Ilustração Portuguesa» o fotografo portuense sr. Alvão. São tambem d'ele as primorosas fotografias que vieram na «Ilustração» do dia 12 do corrente, «Uma festa d'arte no Porto»



3. GONDOMAR.—Grupo de amadores do corpo cénico do Club Gondomarense, que representou em um espetáculo a favor dos expedicionarios portuguezes à Africa. No 1.º plano da esquerda para direita: O sr. Alfredo d'Almeida e Castro, as srs.ªs D. Leopoldina Ramos Cardoso, D. Albertina Pereira e o sr. Reinaldo d'Almeida Ribeiro, 2.º plano: Os srs. Germano José de Castro, Antonio Bastos, Antonio Ramos Lobão e Eddio d'Almeida Ramos. No medalhão: O expedicionario Jeremias Gaudencio Correia, 1.º cabo de Infantaria 4.ª, natural de Gondomar, desaparecido no combate de Naulla. («Gileches» do distinto fotografo amator sr. Agostinho Cardoso).—4. ZAMBESIA (Chinde).—Um «pic-nic» no Sambo, em que tomaram parte os srs. João Araujo Ferreira, Augusto Frade, Isaias Pereira de Lima, Jacinto Tavares, H. Santos Beirão e Ivo da Silva e as srs.ªs D. Maria Beirão, D. Maria Beirão Silva, D. Eivira Lima, D. Diana de Matos, D. Henriqueta Silva, D. Agueda Moura, D. Marta Araujo Ferreira e D. Adelaide Tavares.



5. CASTELO DE PAIVA.—Comissão de senhoras que angariaram donativos para a subscrição do SEculo a favor dos soldados portuguezes: Sentadas da esquerda para a direita: D. Aurora Amorim, D. Palmira Mendes, a menina Maria Alice Duarte, D. Emilia Ferreira. Em pé da direita para a esquerda: D. Maria José Ferreira, D. Iracema Mendes, D. Maria Isabel Moreira, D. Palmira Ferreira, D. Leonor Rocha, D. Teresa Ferreira; D. Maria José Amorim.

A FESTA DA ARVORE



1



2



3



4



5



6



7



8

1. Em Esmolfe (Penalva do Castelo).—Grupo de alunos da escola oficial com a sua professora a sr.^a D. Maria de Jesus Ferreira e seu marido, depois da plantação da arvore.—(Clichê do distinto fotógrafo amador sr. A. A. d'Oliveira).—2. Em Mafamude (Vila Nova de Gaia).—As crianças que plantaram a arvore e cantaram canções originaes da sua professora a sr.^a D. Angelica Augusta de Oliveira.—(Clichê do distinto fotógrafo amador sr. Dias).—3. No Luso.—Antes da plantação das arvores os alunos visitam a feira.—4. Em Fortins (Portalegre).—A comissão que levou a efeito a festa da arvore e o grupo de se-

nhoras que serviu as crianças o lanch.—5. Em Alinhadas (Figueira da Foz).—Grupo de alunos da escola e comissão de meninas que serviu o lanch as crianças depois da festa da arvore.—6. Em Alferrarede.—A comissão que promoveu a festa da arvore, alunos das escolas officiaes e particulares e algumas senhoras da localidade.—Em Oeiras.—7. A comissão de meninas distribuindo livros, brinquedos e lanch às crianças das escolas depois da festa da arvore.—8. Os alunos fazendo exercicios gymnasticos antes da plantação.—(Clichê do fotógrafo sr. A. A. Gomes da Junqueira).



Srt.ª MANOLITA ROJOS

da companhia de zarzuela, atualmente no Teatro Politeama

TEATROS



Os atores Artur Rodrigues, Jorge Gentil e Joaquim Prata, na revista *Rosa Tirana*



Srt.ª LATORRE

da companhia de zarzuela, atualmente no Teatro Politeama

O CIRCO DE INVERNO, no Teatro do Ginasio

Peça alegre, risonha e sobretudo pitoresca esta que o nosso ilustre colega sr. Melo Barreto traduziu com muito brilho para o velho templo da Farça — o Ginasio. E' movimentada, curiosa, viva. Diverte. Suponho que não teve outros fins. Portanto, podemos considerar-a um exito.

O Teatro do Ginasio pode agora voltar a afixar a sua antiga taboleta: «aqui ri-se». E ainda bem. Era uma séca ir chorar para ali!

A ROSA TIRANA, no Teatro Apolo

Mais uma revista — e esta cosinhada com todos os temperos por um escritor emerito

n'esta culinaria, o sr. Lino Ferreira, de parceria com os srs. Henrique Roldão e Artur Rocha.

A *Rosa Tirana* tem o merito da alegria; tem alguns *trucs* de comedia felizes; mete com alguma originalidade os srs. Bernardino Machado, Afonso Costa, Antonio José d'Almeida e Brito Camacho; tem muitas alusões ao sr. Pimenta de Castro; tem danças, tem fado, tem meia duzia de palmos interessantes de coristas; tem a graciosidade, a desenvoltura de algumas artistas habituadas ao genero; tem guarda-roupa de Castelo Branco, tem alguns cenarios bons de Salvador e Mergulhão; tem apoteoses de efeito. Com todos estes requisitos tem publico. Caracteristicamente popular, movimentada com felicidade e com alguma fantasia, vale a pena ver-se, porque ha n'elas com que entreter e deleitar todos os paladares.



O ator Jorge Grave, n'um dos papeis da revista *Rosa Tirana*



O sr. Lino Ferreira um dos autores da revista *Rosa Tirana*



O sr. Henrique Roldão outro autor da revista *Rosa Tirana*